

Uma janela para o mundo: ensaio sobre maternidade, produção científica e uso de tecnologias em tempos de pandemia

308

Ariana Campana Rodrigues ¹

Resumo

Este ensaio trata, por meio de minha narrativa pessoal, sobre a questão de que carreiras acadêmicas de mães pesquisadoras têm sido afetadas pela importante obrigatoriedade de isolamento social durante a pandemia de coronavírus e sobre as relevantes contribuições das tecnologias para minimizar esses impactos. A produção e divulgação de ciência por parte dessas mulheres diminuiu consideravelmente durante a pandemia, e é também menor em relação ao mesmo trabalho realizado por homens, pois a compreensível urgência do cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico parece estar sendo mais assumido por elas. As reflexões pretendem contribuir para a afirmação das tecnologias como instrumentos fundamentais ao fazer científico, especialmente durante o momento atual de quarentena, e para as discussões sobre o enfrentamento da disparidade de gênero na academia.

Palavras-chave

Maternidade. Ciência. Tecnologias. Pandemia de coronavírus.

Recebido em: 15/08/2020
Aprovado em: 26/01/2021

¹ Psicóloga e doutoranda em Psicologia na UNESP - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras - campus de Assis.
E-mail: ondeandas@hotmail.com

A window to the world: na essay about maternity, scientific production and the use of Technologies in pandemic times

309

Abstract

Using my personal narrative, this essay is about the impact of lockdown during Covid-19 pandemic on academic careers of mothers and how technology is being used by them in order to reduce such impact. Because of the necessity of taking care of children and home, tasks which the women apparently are taking on, these women's academic production, as well as their scientific publications decreased during pandemic, if compared to male researchers. The reflections in this article intend to contribute affirming the importance of Technologies to academic work, especially during pandemic, as well as affirming the value of such technologies in discussing gender equality in academy.

Keywords

Maternity. Science. Technologies. Covid-19 pandemic.

Sem que ninguém esperasse por isso, pois a surpresa também compôs a tragédia, fez-se imperativo o nada desejável e muito urgente isolamento social. Como um de seus efeitos particulares – modesto, confesso, diante de uma catástrofe que envolve vastos e maiores problemas –, as tarefas de meu doutorado ficaram cada vez mais vagarosas e nada favoráveis a uma pesquisa que se pretende robusta. Fosse momento pessoal, talvez tivesse pouca ou nenhuma relevância para a ciência. Mas, lamentavelmente, esta crise é um momento coletivo. E, de maneira inédita, a obrigação de uma quarentena a uma coletividade que abrange todo o planeta.

Isso porque no meio do caminho tinha um coronavírus². Tinha um coronavírus no meio do caminho. Como a pedra do poeta, eu também não me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas³. É difícil elaborar algum pensamento sobre os acontecimentos quando se está em uma situação problemática, mas é impossível deixar de pensar. Por esse motivo, como parte do compromisso que tenho com a ciência, aqui apresentarei, em formato de ensaio, reflexões sobre algumas implicações da pandemia em curso no meu cotidiano que conjuga maternidade e produção científica, tendo o uso das tecnologias como única via de continuidade de minha pesquisa.

O ensaio, gênero literário crítico por excelência, orientado mais por indagações do que por respostas (MONTAIGNE, 2002; MENEGHETTI, 2011; DOMINGUES, 2019), será usado como estratégia para apresentar pensamentos de uma mãe doutoranda sobre certas vicissitudes que o tempo presente impõe. Por meio de algumas lucubrações, quiçá eu possa inspirar algum(a) leitor(a) sobre a possibilidade de que, embora num contexto de pandemia, é possível se reinventar e prosseguir, embora a passos lentos, produzindo ciência.

² Abreviatura em inglês de “*Corona Virus Disease*”, cuja tradução é “doença causada pelo coronavírus”. No presente texto, a escolha por “coronavírus” ao invés da sigla oficialmente usada pelas autoridades em saúde “SARS-CoV-19” (do inglês: “*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus2*”, que significa “síndrome respiratória aguda grave”), serve para tornar a leitura mais próxima de como se convencionou tratar o assunto da pandemia.

³ Alusão ao poema “No meio do caminho”. Referência: ANDRADE, C.D. No meio do caminho. In: ANDRADE: C.D. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 20.

Sobre usar uma narrativa pessoal para pensar sobre questões atuais, Arendt ensina que

[...] mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e freqüentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar (ARENDR, 1968, p. 6).

Desejo, obviamente, que a tênue luz de minha história interesse muito menos do que os pensamentos de quem se dispuser a ler o texto, pois ela é apenas um tímido exemplo de minha experiência profissional sobre como as tecnologias são imprescindíveis, nestes tempos de pandemia, para que a produção científica prossiga.

Aqui, não há a pretensão da universalidade que a ciência tradicionalmente propõe, pois a matéria desta narrativa diz respeito apenas à minha realidade, mesmo que, como dito acima, tenha a pretensão de inspirar algumas reflexões. Ainda, não pretendo a neutralidade, pois refletirei sobre mim. Dadas essas observações iniciais e com sincera intenção de contribuir com as discussões, proponho, a seguir, um exercício de pensamento.

Tempos de pandemia

Estamos num momento histórico em que, pela primeira vez, há a mobilização de todos os povos a se resguardarem em suas casas sempre que possível, que trouxe a saúde ao centro da discussão e que provavelmente só tem sido vivido com abundância diária de informações dada a centralidade das mídias digitais no cotidiano das pessoas. As informações sobre como se portar diante da ameaça de contágio pelo vírus já não circulam mais somente pela TV, rádio e jornal, veículos de imprensa que se convencionou chamar de “grande mídia”, como aconteceria se a pandemia tivesse acontecido há cerca de, quiçá, duas ou três décadas atrás.

Isso opera uma digressão importante de ser pensada. As informações, incluindo as problemáticas *fakenews* – expressão em inglês para designar “notícias falsas”

–, podem circular de maneira aparentemente confusa. Porém, elas guardam certa ordem no que diz respeito à determinação da restrição de circulação social, incluindo a ausência em ambientes de trabalho fora da casa do trabalhador, compondo um arranjo social inédito e ainda em construção.

Nesta nova conjuntura social, o capitalismo está sendo desmentido em sua promessa de fortaleza, pois o que se vê com a necessidade das pessoas se ausentarem de seus postos de trabalho e com a diminuição do consumo é um abalo nesse sistema que é frágil e moribundo desde sempre. Demissões e empresas a caminho da bancarrota alertam para a iminência de uma catástrofe também financeira, o que, é óbvio, também terá impactos sociais.

Parece um momento tirado de alguma obra do gênero da “literatura fantástica”, mas suspeito que nem mesmo o grande mestre Gabriel García Márquez⁴ poderia ter tido, do alto de sua perspicácia e inteligência, audácia para inventar tamanho absurdo. Parodiando seu clássico “Cem anos de solidão”, o mundo parece ter se transformado numa grande e arquetípica Macondo e nós, os Buendía-Iguarán, estaríamos tentando nos resguardar dos perigos e reconstruir incessantemente nosso vilarejo global, mesmo num contexto de exploração e de uma destruição atrás da outra. Uma epifania de um novo mundo talvez mais caótico do que antes. Mas, também com a possibilidade de que a humanidade se reerga e se reinvente diante desta tragédia.

A saúde – finalmente – passou a ser seriamente uma pauta mundial, e talvez se esteja colhendo os frutos da ignorância de não tê-la cuidado antes. Mesmo em países com pretensos sistemas de saúde bem estruturados, admite-se que eles não são suficientes para tratar de todos os doentes, tampouco para diminuir as consequências sanitárias da pandemia.

A presença de reflexões sobre a morte e o morrer, evidentemente, é constante durante toda a vida. Faz-nos, aliás, mais atentos à importância da valorização e do desfrute de estarmos vivos e da vital companhia de nossos pares. Mas, o contato frequente com estatísticas sobre os números de mortos no país e no

⁴ Escrito colombiano (1927-2014).

mundo e, em algumas situações, a perda de pessoas próximas, apresenta um sentimento de impotência que repercute de muitas maneiras.

Dentre todos estes impactos, há aqueles que são singulares devido ao caráter dos grupos que os experimentam. Aqui, o interesse se volta à questão da maternidade e da produção científica em tempos de pandemia. Pretendo apresentar uma narrativa de minha própria experiência de pesquisadora de doutorado em Psicologia e mãe de uma menina de 3 anos de idade, fazendo uma intersecção com a contribuição crucial das tecnologias para o andamento de minha pesquisa.

Ser mãe e pesquisadora

Há alguns meses, antes do início da pandemia, refleti sobre o tempo que eu havia usado para fazer minha pesquisa de doutorado até este momento: havia sido apenas 3 anos, mas meu corpo constantemente me lembrava que parecia ter se passado muito mais. Afinal, não há coluna, neurônios, subjetividades, funções vitais e investimentos afetivos que permaneçam intactos e saudáveis ao longo de um processo tão denso como este.

Meu tema, que é “loucura, trabalho e oficinas na Saúde Mental”, que me encantava desde a graduação e que foi meu caminho profissional durante oito anos, inspirou parte de meu mestrado e agora está sendo aprofundado no doutorado. Nos últimos meses, tenho matutado sobre como os loucos estão enfrentando este momento de pandemia e tudo o que isso implica no mundo do trabalho. Não é tarefa de pouca monta. Mas, quanto mais difícil, mais animador é fazer ciência.

Meu percurso doutoral acontece concomitante ao período mais bonito e repleto de metamorfoses que já experimentei. Engravei durante a seleção do doutorado e escolhi prosseguir com a candidatura, mesmo imaginando os desafios que estariam por vir, pois a dobradinha “maternidade e produção científica” nem sempre é bem-vinda na maioria dos ambientes acadêmicos. Eu sabia das dificuldades de conciliar o papel de mãe e o de estudante e que

enfrentaria demais dificuldades dentro e fora da universidade. Só não entendi ainda se prossegui na seleção por ingenuidade, coragem, falta de juízo crítico, desejo ou tudo isso junto.

Madrugada adentro, manhã afora, tarde longa, noite curta, o tempo não batia com os compromissos da tese, as demandas familiares não deixavam a tese se fazer, a tese não me permitia descanso. Foram segundos absorta em ideias enquanto o leite fervia e se derramava no fogão, minutos de desespero porque o computador pifou, horas em que a família me demandava mais cuidado e que a pesquisa tinha que esperar, dias distante de minha doce filha e diante do teclado do computador, meses em que eu vivia a gravidez, o pós-parto e o puerpério condensados ao cumprimento das disciplinas, anos de leituras e exercícios de escrita simultâneos a um processo de desenvolvimento infantil.

Viajei quinzenalmente entre Assis-SP, onde está a universidade sede de minha pesquisa, e Palmas-TO, onde também moro, sentido a barriga crescer até pouco antes do parto e, depois, com minha filha no colo, canguru, *sling* ou carrinho, com uma pequena mochila em que cabiam mamadeira, carteira, mudas de roupas, fraldas, livros, caderninho, caneta, celular, *tablet* e carregador para nos manter conectadas à família e aos amigos. Era tudo o que precisávamos, além da esperança de que os voos não atrasassem e que houvesse banheiro com fraldário pelo caminho.

Minha filha, quando recém-nascida, ficava no colchãozinho no chão e ao lado de minha mesa de trabalho enquanto eu lia, escrevia e me recuperava do parto. Eu a ninava com músicas da minha infância e contava a ela, em voz baixa, o que estudava. Espero que um dia ela me perdoe por esses pequenos deslizes tão prazerosos de colocá-la a par de minha pesquisa. Quando ela começou a engatinhar, fui com os livros e o computador para o chão. Estudei sentada no piso da casa, da varanda ou da terra do quintal. Ao dar seus primeiros passos, ela já havia rasgado ou desenhado em uma parte da bibliografia que usei para fundamentar teoricamente os estudos, além de ter entendido que, ao teclar no computador, símbolos apareciam na tela.

Ao começar a aprender as primeiras palavras, fiquei atenta para ensiná-la “mamãe” e “papai” antes de um vocabulário próprio que incluía louco, *internet*, política, *notebook*, saúde, *download* de artigos, subjetividade, *e-mail* e tudo o mais que compunha meu repertório comunicacional durante o princípio do desenvolvimento de sua fala.

Foi para que eu tivesse silêncio e mais concentração nos estudos que minha filha, quando chegou perto de completar 2 anos, começou a frequentar creches e/ou ser cuidada por babás. Entre buscas de bibliografia, leituras, rascunhos de pensamentos e escritas, havia uma bebê e, posteriormente, uma pós-bebê que, para crescer, precisava de socialização e outros cuidados que, naquele momento, seu pai e eu precisamos buscar com mais pessoas.

Houve um período em que a principal diversão dela era jogar os livros pra cima e gritar: “caiu no céu!” – algo que eu nunca tive a audácia de corrigir. Ela tinha razão: os livros sustentam ideias que nem sempre estão fincadas na terra. Sim, minha filha: pensamentos voam. A pesquisa e, como consequência, o texto da tese de doutorado que está se fazendo, conterão marcas dessa bagunça toda em que a escrita se deu. E não poderia ter sido melhor.

Mas, maternidade e a carreira científica nem sempre são signos que convergem. O que geralmente se espera é dedicação exclusiva durante um doutorado, e parece haver a suposição de que a presença de um filho não permitiria isso. Bitencourt (2011) acredita que esse problema atinge mais as mulheres, pois, historicamente, a maior parte do cuidado com os filhos esteve sob sua responsabilidade:

[...] neste espaço [da produção científica] há desigualdades de gênero vivenciadas pelas acadêmicas que optam pela maternidade. O jogo que ocorre no campo, por meio do discurso das oportunidades iguais para todos e todas, pautadas na vocação individual para uma prática, provocou desvantagens para as mulheres que decidiram conciliar família e carreira. A fase de Doutorado é representada a partir de uma dedicação exclusiva exigida à investigação (BITENCOURT, 2011, p. 161).

Esperar de uma pesquisadora a “dedicação exclusiva” às demandas acadêmicas como, por exemplo, o uso do tempo e a pressão por produtividade, parece ser

sinônimo de que ela não poderia ter outros interesses, entre eles os familiares. Este contexto pode provocar estresse e sofrimento psíquico nos(as) estudantes (BITENCOURT, 2014; FABBRO, HELOANI, 2010) e, por isso, merece ser pauta nas discussões de cursos de pós-graduação.

Disparidades entre pesquisadoras e pesquisadores

Viver a maternidade e a produção científica em todas suas radicalidades já estava sendo desafiador, até que começou a pandemia e eu entendi que, como numa brincadeira de *videogame*, eu havia “passado de fase” e as dificuldades aumentariam. Desde março de 2020, com a imposição da quarentena para desacelerar os números de pessoas infectadas e mortas pelocoronavírus, a rotina de muitos(as) pesquisadores(as) mudou. Seja aos que trabalhavam em casa, como eu, ou aos que faziam suas pesquisas de campo, em laboratórios ou bibliotecas, a importância dos cuidados em saúde reconfiguraram o modo como os estudos acontecem.

Parece contraditório, pois o que se divulga é um investimento de tempo e de recursos maiores à ciência, na esperança de que haja vacina, tratamento e cura para a doença que assusta a todos. Mas, aos(as) pesquisadores(as) cujos temas não se envolvem diretamente com o coronavírus, o reordenamento no cotidiano de trabalho tem refletido na produtividade acadêmica. Somado a este contexto, a já conhecida precariedade pelo desinvestimento de anos no campo científico tende a agravar a situação.

Dados de um recente levantamento do *Parent in Science*, um projeto que discute maternidade, paternidade e carreira científica, retratam que a produtividade acadêmica dos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) tem sido afetada negativamente durante a pandemia, com destaque para o impacto mais acentuado às pesquisadoras (PARENT IN SCIENCE, 2020). Os efeitos de gênero na produtividade, segundo o relatório, são ainda mais marcantes quando se trata de mulheres com filhos. Além disso, eles também abordam a questão racial, apontando que os impactos na vida produtiva das pesquisadoras mães negras é maior do que na das mães brancas.

De acordo com o levantamento de dados feito pelo projeto entre março e maio de 2020 no Brasil, contando com cerca de 15 mil respondentes discentes de pós-graduação, pós-doutorandos(as) e docentes/pesquisadores(as), o panorama especialmente desfavorável às mães contribui para a manutenção da disparidade de gênero histórica na produção e divulgação da ciência.

Os dados apontam que apenas 8% das docentes, 13,9% das pós-doutorandas e 27% das pós-graduandas estavam conseguindo trabalhar remotamente, ou seja, de suas casas. A disparidade de gênero fica evidente quando apresentados os dados dos respondentes masculinos, pois 18,3% dos docentes, 27,9% dos pós-doutorandos e 36,4% dos pós-graduandos estavam conseguindo trabalhar remotamente (PARENT IN SCIENCE, 2020).

Apenas 4% das docentes e 18,3% dos docentes respondentes estavam conseguindo trabalhar remotamente. Destes, 4,1% eram mulheres com filhos e 18,4% eram mulheres sem filhos, contra 14,9% dos homens com filhos e 25,6% dos homens sem filhos. Sobre os pós-doutorandos, somente 18% deles disseram conseguir trabalhar remotamente. Destes, 2,2% eram mulheres com filhos, 25,1% mulheres sem filhos, 4,2% homens com filhos e 37,6% homens sem filhos (PARENT IN SCIENCE, 2020).

Dos pós-graduandos, 27% das mulheres e 36,4% dos homens conseguiram trabalhar remotamente. Destes, 11% eram mulheres com filhos e 34,1% eram mulheres sem filhos, contra 20,6% de homens com filhos e 4,1% dos homens sem filhos (PARENT IN SCIENCE, 2020).

Embora os dados também sejam desanimadores quanto ao trabalho remoto realizado pelos homens, o projeto enfatiza que o confinamento necessário ao combate à pandemia parece estar afetando de maneira mais incisiva a carreira acadêmica das mulheres, especialmente das mães. Em carta à revista *Science* e em uma publicação *preprint* a respeito do assunto, os autores afirmam que a produtividade – entendida aqui como produção e publicação de conhecimento científico – diminuiu mais entre as mulheres com filhos em relação aos homens

com e sem filhos, e que a disparidade de gênero, que já existia historicamente, se acentuou neste momento (STANISCUASKI, 2020a; 2020b).

O relatório também sugere algumas ações afirmativas com vistas a diminuir a sub-representação feminina na ciência: aumento e flexibilização de prazos para relatórios e submissão de projetos em agências de fomento, criação de editais específicos e aumento do tempo de análise de currículo em editais de concursos e de financiamentos aos grupos mais atingidos pela pandemia, agendamento de reuniões considerando os horários em que os pais precisam dar suporte aos filhos, por fim, redistribuição de carga horária didática e administrativa às mulheres com filhos (PARENT IN SCIENCE, 2020).

Numa entrevista sobre a situação da desigualdade na carreira de mães e de homens com ou sem filhos, Batalha (2019) diz:

Percebi que os tempos de um e de outro são muito diferentes: o da maternidade é o tempo da doação incondicional e da delicadeza; o tempo da pesquisa/ciência atual é o tempo da quantidade e da competição. Vivenciar isso me fez ter a nítida impressão de que lutar pelo espaço da mulher, sobretudo de mulher mãe, demanda transformar, ou melhor, construir outra academia, que prima por laços de solidariedade entre trabalhadores. [...] Os critérios atuais de avaliação e eficiência nos colocam em desvantagem. Ademais, a mentalidade que naturaliza essas discrepâncias entre homens, homens-pais e mulheres e mulheres-mães também precisa ser trabalhada (BATALHA, 2019).

Os “tempos diferentes” e a situação de “desvantagem” acadêmica de que trata a entrevistada estão mais acentuados durante a pandemia, de acordo com os dados do projeto *Parent in Science* citados acima.

Santos (2020), em recente publicação sobre alguns efeitos imediatos da pandemia, pensa que

A quarentena será particularmente difícil para as mulheres e, nalguns casos, pode mesmo ser perigosa. As mulheres são consideradas «as cuidadoras do mundo», dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias. [...] Não se podem defender com uma quarentena para poderem garantir a quarentena de outros. São elas também que continuam a ter a seu cargo, exclusiva ou majoritariamente, o cuidado das famílias. Poderia imaginar-se que, havendo mais braços em casa

durante a quarentena, as tarefas poderiam ser mais distribuídas. Suspeito que assim não será em face do machismo que impera e quiçá se reforça em momentos de crise e de confinamento familiar. Com as crianças e outros familiares em casa durante 24 horas, o stress será maior e certamente recairá mais nas mulheres (SANTOS, 2020, p. 15 e 16).

Às mulheres parece haver a reafirmação equivocada de que o ambiente doméstico é predominantemente de sua alçada e que a atenção maternal deve suplantar quaisquer outros trabalhos. Neste cenário, torna-se difícil vencer o desafio de não relegar os estudos ao segundo plano.

319

Pessoalmente, a dinâmica de meus estudos também foi afetada. Se antes da quarentena eu tinha um cotidiano organizado para me dedicar à pesquisa, pois minha filha era zelada, além de mim e de seu pai, também pela babá e creche, hoje nossa realidade é a de divisão de tarefas domésticas, cuidados parentais e de nossos trabalhos – eu na pesquisa e ele como médico que trabalha num hospital público. Não é difícil imaginar que as dificuldades da pandemia estão por toda parte: nas tristes histórias dos pacientes contaminados e mortos pelo coronavírus, na atenção à desinfecção de tudo o que entra em nossa casa, no impedimento de viagens para visitar minha família que mora em outro estado, na elaboração de lutos que ainda figuram como feridas abertas e, especialmente, nos efeitos do medo pelo perigo constante e iminente do contágio e da morte.

As imprescindíveis tecnologias

Mesmo no panorama em que os cuidados com minha filha em tempo integral é mais urgente do que o trabalho científico, tenho me reinventado para equilibrar ambas as demandas. Em meu dia a dia, e no daqueles com quem partilho diálogos sobre suas pesquisas também em andamento, o uso maciço dos meios de comunicação *online* se tornou obrigatório. O que antes era um importante recurso para a realização de minha pesquisa, hoje ocupa a centralidade de minhas ações acadêmicas.

O confinamento impôs o modo de trabalho comumente chamado de “remoto”, como citado acima, sobre a pesquisa do *Parent in Science*. Trata-se de um trabalho que tradicionalmente estaria sendo realizado em um lugar, mas que é

feito em outro. A realidade do confinamento instituiu esse tipo de trabalho, exigindo que os(as)cientistas criassem maneiras de prosseguir com seus estudos o tempo todo de dentro de suas casas. De mim, idas a bibliotecas, eventos científicos e reuniões foram banidos do dia a dia, e o escritório da pesquisa, que já era em minha casa – e que habitualmente se tem chamado de *home office* –, se tornou minha única janela para o mundo acadêmico.

Inúmeras vezes pensei e dialoguei com meus pares sobre como os estudos prosseguiriam sem a ferramenta da *internet* para dar suporte a toda a composição dos estudos. Se antes da pandemia ela já era essencial, hoje ela se tornou imprescindível. Compra de livros, acesso a artigos, reuniões científicas, aulas ao vivo, palestras disponíveis em vídeos, orientações, supervisões e tudo o mais que a experiência da vida no ciberespaço possibilita, atualmente configuram a única possibilidade de relação com conteúdos dos estudos.

As tecnologias digitais representam, portanto, a possibilidade de contato com o que está fora do escritório de onde escrevo minha tese de doutorado, relatórios, textos afins e demais circunstâncias que uma pós-graduação exige. Junto à demanda filial, a acadêmica encontra seu espaço por meio de um exercício de equilíbrio que incrementa meu repertório de aprendizagens. Hoje, vislumbro que, a despeito do que deveria estar sendo feito para que minha pesquisa alcançasse um nível de excelência num processo doutoral, faço o melhor possível com os recursos que tenho e reconheço que, não fossem as tecnologias de informação, a pesquisa seria fatalmente interrompida.

Por outro lado, mesmo reconhecendo que esta aprendizagem enriquece minha experiência humana, é necessário refletir sobre uma espécie de “invasão” deste modo de trabalho remoto em outras esferas da vida. Aliás, não é curioso chamar de “remoto” um trabalho que é muito mais presente do que aquele que se restringia ao âmbito do escritório, laboratório, biblioteca ou qualquer outro lugar acadêmico em que, geralmente, se exerce o labor científico?

A necessidade de que os estudos prossigam nas brechas de tempo entre um e outro afazer doméstico e de cuidado com minha filha, embora a divisão dessas

tarefas em meu cotidiano aconteça de modo equitativo com meu companheiro, junto ao acesso fácil à vida *online* que o computador conectado à internet permite, faz parecer que a possibilidade de pesquisar está presente o tempo todo. Há pelo menos duas consequências disto que merecem ser citadas. A primeira é que o tempo livre – ou que deveria ser livre – se confunde com o tempo de trabalho, e tal embaraço produz estresse. A segunda é a equivocada percepção de que, se não estou na lida da pesquisa, poderia ser porque falta empenho de minha parte, pois os recursos estão a disposição 24 horas por dia e 7 dias por semana.

O trabalho remoto, portanto, me conecta a uma esfera de trabalho que é importante, mas que, muitas vezes, tem invadido momentos em que eu não deveria estar pesquisando. Junto a isso, a insistente pressão de que devo ser produtiva academicamente, mesmo em meio ao caos da pandemia.

Nessa cruel – e potencialmente adoecedora – dinâmica, os atravessamentos do trabalho remoto são muitos: há momentos em que, ao mesmo tempo, cuido da alimentação de minha filha e atendo a um áudio de celular relativo à pesquisa, zelo por sua soneca da tarde e termino de escrever um capítulo da tese, participo de uma reunião em uma sala de aula virtual aproveitando o tempo em que ela está assistindo televisão, entre tantos outros momentos em que as obrigações doméstica e acadêmica desenham uma rotina cansativa e, paradoxalmente, engraçada. Afinal, servir um livro à mesa ao invés do prato de macarronada ou ligar a torneira quando se pretende ligar o computador merece ser tomado de graça para divertir e resguardar a saúde mental.

O fenômeno do uso rotineiro da tecnologia transformou o modo como as pessoas se relacionam e viabilizou novos modos de criar, armazenar e propagar informações. Não obstante o momento atual em que ela é crucial para o andamento dos trabalhos que podem ser realizados de casa, seja no âmbito científico ou não, ela já era uma realidade diária em ambientes de trabalho e domésticos.

O aparelho que conecta uma pessoa a outra, ou a uma infinidade de realidades de estudos, negócios, artes, entre outros, permite uma maneira inovadora de interação, aproximando pessoas e coisas que estão distantes geograficamente, agenciando novas formas de inteligência e viabilizando muitas possibilidades de aprendizagens. Lévy (1996, 2000, 2001, 2003) chama de “inteligência coletiva” o que se produz por essas trocas relacionais e simbólicas que acontecem no ciberespaço. Sua relevante leitura de que o conhecimento é tão extenso quanto o próprio mundo, não estando mais, portanto, restrito aos que ocupavam espaços educacionais ou de imprensa, contribui para pensar sobre esse fenômeno. Para ele, as possibilidades de interatividade pela via da tecnologia são as bases de uma transformação social:

A verdadeira interatividade não é um conceito técnico. É, no fundo, a conversação, a mais aberta e livre possível entre seres humanos. E acho que hoje temos tecnologias que permitem a abertura dessa conversação. Permite que essa conversação ultrapasse as fronteiras dos países, as fronteiras das disciplinas e das instituições. E permitem que pessoas que têm algo a dizer possam entrar em contato, possam se comunicar entre si e aprender (LÉVY, 2001).⁵

A conversação – ou, mais amplamente, a comunicação – é a finalidade, portanto, das tecnologias. Entretanto, essas tecnologias em si mesmas são apenas instrumentais. Cabe ao(à) usuário(a), segundo Feenberg (2003), valorá-las. Para o autor,

No contexto moderno, a tecnologia não realiza os objetivos essenciais inscritos na natureza do universo, como o faz a *technê*. Ela aparece agora como puramente instrumental, como isenta de valores. Ela não responde a propósitos inerentes, mas somente serve como meios e metas subjetivas que escolhemos como desejemos (FEENBERG, 2003, p. 5).

Os artefatos tecnológicos nada são ou fazem se não houver alguém que aplique suas técnicas, via comandos dados às máquinas, para um objetivo específico,

⁵ Traduzido de: “La véritable interactivité c’est ne pas de tout un concept technique. C’est, au fond, la conversation la plus ouverte et la plus libre possible entre des êtres humains. Et je crois qu’aujourd’hui on a des technologies qui permettent l’ouverture de cette conversation. Que permettent que cette conversation passe à travers les frontières des pays, passe à travers les frontières des disciplines, passe à travers les frontières des institutions. Et que les gens que a les choses a ce dire puissent entrer au contact, et puissent se communiquer entre ils et puissent d’apprendre des choses.”

como, por exemplo, usar um computador para pesquisar e escrever um ensaio, como o que faço agora. Computador, celular e *tablet* com acesso à *internet* não exercem nenhuma positividade no cotidiano de uma mãe pesquisadora, a não ser que ela tenha a intenção de, através desses meios, realizar uma pesquisa que não poderia ser feita, num momento de pandemia, fora do ambiente doméstico (NEDER, 2010).

Os objetos técnicos, como ensina Feenberg, são também objetos sociais, e o desenvolvimento das tecnologias, incluindo aquelas que possibilitam ao campo da Educação se expandir e se qualificar, propicia as bases para uma nova civilização (MARICONDA, MOLINA, 2009). Para ele, a criação e aplicação de aparelhos e suas técnicas tem possibilitado, ao longo das últimas décadas, uma transformação social e histórica que pode contribuir na construção de uma sociedade mais justa (FEENBERG, 2003).

Se a centralização da propagação das informações era restrita, em grande parte, a livros, jornais impressos, rádios e televisores, entre outros materiais comuns aos viventes dos séculos passados, desde meados da década de 1990 também se somou a eles a amplitude do acesso que os aparelhos conectados à *internet* possibilitam ao grande público.

A aproximação que a tecnologia possibilita diminui – ou mesmo apaga – fronteiras entre os usuários desses meios de comunicação, sendo também possível acompanhar acontecimentos em tempo real. Espaço e tempo, portanto, foram relativizados. Isso possibilita um tipo de experiência tão nova quanto desafiadora, pois podemos escolher nos relacionar sem a necessidade da proximidade ou contato físico com o outro. Mas, ambigualmente, durante esta pandemia, a obrigatoriedade das práticas relacionais pela via das tecnologias parece estar gerando certa nostalgia do olhar, do gesto, do tom de voz presencial, do cheiro e de tudo o mais que só é possível de experimentar com a proximidade dos corpos.

Pela primeira vez, uma pandemia está sendo vivida dessa forma. Talvez a maioria das relações interpessoais esteja sendo mediadas por aparelhos

conectados à *internet*, numa espécie de “gazeta virtual de relações cotidianas”. As informações sobre a disseminação do coronavírus podem ser seguidas todo o tempo em que as mídias alimentam suas publicações. Formas de contágio, prevenção, tratamento, implicações do confinamento social para a economia, crise sanitária e demais notícias e reflexões sobre a atualidade estão facilmente disponíveis aos que tem um aparelho com acesso à internet.

Paradoxalmente, os que não têm acesso aos meios de comunicação que as tecnologias possibilitam, ou mesmo que têm acesso limitado, se confirmaram como marginalizados de uma parte importante do contexto, que diz respeito à maneira como a pandemia se configura socialmente junto à velocidade das informações. Se antes eles já existiam à margem – como, por exemplo, os(as) estudantes que não dispõem de computador pessoal, ou mesmo acesso à *internet*, os idosos que apresentam dificuldade no manejo de aparelhos mais sofisticados, as famílias das periferias das cidades cuja única fonte de informações ainda são os jornais televisivos, entre outros –, com a pandemia, escancarou-se que o alcance aos aparelhos e canais de informação deveria ser garantido a todos e tratado como afirmação de cidadania.

A mediação tecnológica das relações humanas já é parte de uma dimensão da vida. Ela tem instaurado um novo modo de subjetivação em que é possível, por exemplo nesse momento de pandemia, abrandar a saudade, dar continuidade a pesquisas partindo de ambientes caseiros, fazer reuniões, ver e ser visto e escutar e ser escutado por outros, ao mesmo tempo em que se mantém o isolamento social necessário. Disso, duas questões se impõem. A primeira é: até quando? E a segunda, derivada da primeira, é: as relações voltarão a ser como antes, ou haverá um “salto” em que as tecnologias, tendo ocupado o importante papel de aproximar virtualmente as pessoas, as manterão distantes em suas presenças físicas?

Uma pequena contribuição

Muitos dos desafios e efeitos de se fazer pesquisa nesse contexto, provavelmente, serão estudado por meus e minhas colegas cientistas num

futuro – espero – próximo. Por hora, vale o registro de que a situação atual tem impactado a produção acadêmica de mulheres com filhos. Não se trata de *mea culpa*, mas de um posicionamento político sobre o que pode representar ser mãe e cientista em um momento como o que vivemos agora.

São diversos e numerosos os tempos que se vive ao longo de uma biografia. Sobre o atual e suas vicissitudes, provavelmente este processo em muito se assemelha ao de meus e minhas parceiros(as) pesquisadores(as): um prazo para a entrega de uma tese e muitos malabarismos para fazer a pesquisa caber nele.

Aqui está uma breve narrativa sobre um trecho de meu processo doutoral e de história pessoal. Junto a ela, somei reflexões sobre a importância do uso das tecnologias para que minha pesquisa científica possa prosseguir, ao mesmo tempo em que me mantém em isolamento social durante a quarentena.

Este ensaio está findando com uma incômoda sensação de que ele não deveria terminar, pois o que rege – e regerá – seu fim talvez seja o limite temporal, e não as possibilidades de reflexões. Como já escrito, é mesmo difícil pensar sobre os acontecimentos quando se vive uma situação tão problemática como a de hoje, mesmo não podendo deixar de fazê-lo.

Portanto, reconhecendo que as discussões aqui são provisórias e que refletem apenas algumas das muitíssimas questões produzidas pela pandemia de coronavírus, ofereço esta pequena contribuição sobre o que tenho aprendido sobre ser mãe e pesquisadora em tempos de pandemia.

Referências

ARENDDT, H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1968.

BATALHA, E. Entrevista com Thais Florencio de Aguiar. *Radis*, 01 de março de 2019. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/maternidade-cabe-no-lattes>. Acessado em 09/08/2020.

BITENCOURT, S.M. *Candidatas à ciência: compreensão da maternidade na fase do doutorado*. Florianópolis, 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-Graduação em Sociologia Política.

BITENCOURT, S.M. Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado. *Estud. sociol.* Araraquara, v.19, n.37 p.451-468, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/6834/5234>. Acessado em 05/08/2020.

DOMINGUES, J. A. *Ensaio como método*. LusoSofia: Covilhã, 2019. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20190809-domingues_jose_2019_ensaio_como_metodo.pdf. Acessado em 02/08/2020.

FABBRO; M.R.C.; HELOANI, J.R.M. Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. *InvestEducEnferm.* v 28, n. 2, p. 176-186, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v28n2/v28n2a04.pdf>. Acessado em 13/08/2020.

FEENBERG, 2003. *O que é filosofia da tecnologia?* Conferência realizada para estudantes universitários em Komaba, Junho de 2003. Disponível em: http://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf. Acessado em 04/08/2020.

FEENBERG, A. *Criticaltheoryoftechnology*. New York: Oxford University Press, 1991.

LÉVY, P. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. *Entrevista ao programa Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura, 08/01/2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>. Acessado em 06/08/2020.

LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MARICONDA, P. R.; MOLINA, F. T. Entrevista com Andrew Feenberg. *Sci. Stud*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 165-171, Mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ss/v7n1/v7n1a09.pdf>. Acessado em 04/08/2020.

MÁRQUEZ, G.G. *Cem anos de solidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, Apr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a10.pdf>. Acessado em 03/08/2020.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios*. Livro 1. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NEDER, R.T. (Org.) *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/CAPES, 2010.

PARENT IN SCIENCE. *Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade*. Maio de 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/ob341b_81cd839odof94bfd8fcd17ee6f29bcoe.pdf?index=true. Acessado em 08/08/2020.

SANTOS, B.S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

STANISCUASKI, F. et al. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. *BioRxiv*, 04/07/2020a. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.07.04.187583v1.full.pdf+html>. Acessado em 11/08/2020.

STANISCUASKI, F. et al. Impact of COVID-19 on academic mothers. *Science*, 15/05/2020b, vol. 368, p. 724. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/368/6492/724.1>. Acessado em 10/08/2020.